

Machado de Assis e Schopenhauer: as faces da humanidade em *Quincas Borba*

Jade Suelen

Resumo

Este artigo tem como objetivo relacionar as visões de mundo de Machado de Assis e Arthur Schopenhauer acerca da humanidade, destacando elementos que envolvem as concepções de comportamento e de caráter. As motivações das ações humanas, isto é, o egoísmo, a maldade e a compaixão, compõem e refletem tais características. Cabe destacar a importância da noção de “psicologia empírica” schopenhaueriana, ou seja, a superioridade da vontade sobre o intelecto, a qual se pode relacionar teoricamente com os comportamentos das personagens de *Quincas Borba*.

Palavras-chave: Machado de Assis – Humanitismo – Arthur Schopenhauer – Vontade – Humanidade.

I. Introdução

“Toda grande obra literária é a expressão de uma visão de mundo.”
(SENNA, 2008, p. 60)

Teóricos tanto da filosofia quanto da literatura atentam-se, quando se trata de Arthur Schopenhauer, de Machado de Assis e das possíveis relações entre suas obras, à “metafísica da vontade”¹ schopenhaueriana, aliada ao que erroneamente caracterizam como o “pessimismo”² de Schopenhauer. O romance *Quincas Borba*, constantemente vinculado a essa teoria, pode ser associado a outras concepções no que diz respeito às ações e aos comportamentos das personagens machadianas. Quanto a esses aspectos sumários, infere-se a relação entre a metafísica da vontade e o Humanitismo, ou seja, “Vontade e Humanitas seriam reflexos especulares uma da outra” (XAVIER, 2014, p. 86).

Segundo Nunes (1989, p. 8-9),

Complemento discursivo teórico dessa visão delirante, a doutrina de Humanitas, exposta pelo filósofo Quincas Borba a Braz Cubas e a Rubião, seria, em substância, uma transposição pessoal da filosofia de Schopenhauer. Humanitas, princípio das coisas, o homem repartido por todos os homens, no algoz e na vítima, é como a vontade universal de viver, a coisa em si, a essência, em relação à qual os indivíduos são as formações aparentes e passageiras. De nada valem os indivíduos senão pela força comum que os habita; entre o estripado e o estripador a diferença é aparente, do mesmo modo que, segundo nos diz o filósofo de *O Mundo como vontade e representação*, a mosca que zumbe nesse momento

1 “Mas, o que constitui exatamente essa Vontade na filosofia de Schopenhauer? A Vontade concebida por Schopenhauer não deve ser compreendida como uma vontade, um desejo singular e consciente do indivíduo, mas sim como um princípio metafísico universal, presente em cada ser particular do mundo, inclusive no próprio ser do homem. Noutras palavras, a Vontade é uma força imanente, um ímpeto cego, um esforço constante sem qualquer objetivo ou finalidade pela existência, como um anseio ávido de vida” (NASCIMENTO, 2008, p. 10).

2 Schopenhauer é dito o filósofo do pessimismo por não “elogiar o lado luminoso das coisas” e apontar “para as dores em toda parte” (BARBOZA, 1997, p. 60). Contudo, é necessário ressaltar que, embora sua filosofia agregue que a dor e o sofrimento são partes da essência do mundo, o pensador “elaborou também uma doutrina de sabedoria de vida, esboçou um manual de regras para ‘arte de ser feliz’ e, com isso, uma espécie de filosofia da práxis” (DEBONA, 2013, p. 14). Ademais, dadas as condições egoísticas da essência de cada ser humano, por que Schopenhauer seria pessimista por seu ponto de vista acerca da oscilação do indivíduo entre dor e tédio, em que a felicidade é um fenômeno raro?

em torno de mim não se diferencia na realidade de outra mosca que acabou de nascer ou que vai morrer esta noite.

Diferentemente de Benedito Nunes, Miguel Reale (1989) certifica que Machado de Assis tem influência de Schopenhauer, mas não no que diz respeito à metafísica da vontade, notando um viés mais existencial que essencial na obra do ficcionista:

Dos quatro conceitos-chaves da Metafísica de Schopenhauer (coisa em si, vontade, natureza e vida) talvez se possa afirmar que Machado de Assis se contenta com as duas últimas, fundando sobre elas a sua cosmovisão artística, ficando entre parênteses qualquer indagação de tipo transcendental: é a vida, tal como se desenrola sem nexos e sem esperança sob os imprevistos acicates de impulsos naturais, só a vida interessa ao nosso romancista. O que o atormenta é o mistério de viver e de morrer, mais do que a busca de sua razão última (REALE, 1989, p. 22).

A trama é envolvida principalmente por conflitos de interesse. De acordo com Xavier (2014), entende-se que o fio condutor das ações e dos comportamentos das personagens machadianas é constituído pela vontade, em que as finalidades são o bem-estar e o prazer, ao passo que a manifestação do caráter egoísta e cruel, para Barboza (1997, p. 13), se faz presente devido à natureza humana, cuja índole não é “submetida às condições empíricas”.

Xavier (2014, p. 110) diz ainda que

Quincas Borba é a ratificação de Humanitas. Para satisfazer sua vontade, o homem não vê problema em suprimir a vontade do outro. O sistema otimista de Borba confirma a transformação do homem em objeto do homem. A teoria é antagônica à metafísica da vontade, de Schopenhauer. Em Quincas Borba, a intertextualidade com a metafísica da vontade é evidente. A todo momento, o narrador ridiculariza os sistemas filosóficos e ideológicos do século XIX. Mais que isso, ceticamente exhibe a alienação dos homens que, imbuídos de diversos interesses, enlouquecem em busca de conforto e prazer. A ironia maior está no fato de o delator da loucura alheia ser um louco – Quincas Borba.

II. “Psicologia empírica” e Humanitismo

Quincas Borba, publicado pela primeira vez em 1891, segundo romance da fase realista de Machado de Assis (2011), em nível profundo representa a loucura,

isto é, o aspecto dito irracional. Ao longo da obra, Machado pragmatiza a “filosofia” de Quincas Borba, exposta em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (ASSIS, 2007, capítulo CXVII, “O Humanitismo”), segundo a qual o indivíduo tende a adorar a si próprio. O sistema filosófico tem como base a transmissão da vida, que por sua vez seria o maior benefício do universo.

Humanitas é o princípio. Há nas coisas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível – ou, para usar a linguagem do grande Camões:

Uma verdade que mora nas cousas anda

Que mora no visível e invisível (ASSIS, 2011, p. 16).

Destarte, cabe destacar que o filósofo Arthur Schopenhauer (2015), no capítulo XIX do segundo tomo de *O mundo como vontade e representação* (“Do primado da vontade na consciência de si”), publicado pela primeira vez em 1819, diferentemente do viés racionalista de origem platônica, explicita que a vontade se constitui enquanto força cega e irracional. O intelecto, aparência da vontade, é para Schopenhauer (2015) uma função do cérebro. Sendo assim, pode-se fazer um paralelo entre o Humanitas machadiano e a vontade schopenhaueriana, já que, no que tange às definições, a primeira é, assim como a segunda, originária e essencial à vida.

O humanitismo parte do princípio de negação da dor, sendo que, de acordo com Schopenhauer (2015, p. 376), ela (a dor) é um dos princípios elementares da vida humana, “que este mundo humano é o reino do acaso e do erro, que o governam sem piedade, tanto nas grandes quanto nas pequenas coisas, auxiliados pelo chicote de insensatez e da maldade”. Em *Memórias Póstumas*, durante um jantar na casa de Brás Cubas, Quincas expõe que, na sua filosofia, por exemplo, a inveja – virtude e admiração de luta – e a fome – “prova que Humanitas submete a própria víscera” (ASSIS, 2007, p. 125) – são positivas, partes da condição da vida humana, assim como a dor schopenhaueriana; ao contrário da felicidade, de natureza negativa, na medida em que não existe durabilidade do contentamento. Machado, leitor de Schopenhauer, utiliza sagaz e diferentemente³ (como uma espécie de ca-

3 “O Humanitismo, ao mesmo tempo paródia e sátira das filosofias monistas e do positivismo de Augusto Comte, adotados pela maioria dos intelectuais brasileiros da segunda metade do século XIX, e que acaba sendo, conforme mostrou John Gledson, a análise de um hábito mental típico da classe dominante do Segundo Reinado, estabelece uma equivalência humorística do pessimismo schopenhaueriano com o otimismo panglossiano. Mas também transpõe, hiperbolicamente, numa versão

ricatura) o conceito de dor schopenhaueriano, segundo o qual o sofrimento torna-se “inevitável, enraizado na essência da vida” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 376):

A dor, segundo o Humanitismo, é uma ilusão. Quando a criança é ameaçada pelo pau, antes mesmo de ter sido espancada, fecha os olhos e treme; essa predisposição é que constitui a base da ilusão humana, herdada e transmitida. Não basta certamente a adoção do sistema para acabar logo com a dor, mas é indispensável; o resto é natural evolução das coisas. Uma vez que o homem se penetre bem de que ele é o próprio Humanitas, não tem mais do que retomar o pensamento à substância original para obstar qualquer sensação dolorosa. A evolução, porém, é tão profunda, que mal se lhe podem assinar alguns milhares de anos (ASSIS, 2007, p. 126).

Rubião, personagem magno, é composto por tempo, espaço, paixão e loucura na medida em que, ao receber a herança de todos os bens de Quincas Borba (“filósofo”), torna-se capitalista apaixonado no Rio de Janeiro, cuja fase histórica é o Segundo Reinado. Tais características revelam o porquê de o professor de Barbacena agir psicológica e empiricamente de determinadas formas – noção de caráter em Schopenhauer (CARVALHO, 2010).

Ao perder a identidade, sinônimo de loucura, Rubião volta ao seu local de origem, Barbacena, para um reencontro consigo mesmo, mas não consegue e morre. Nas obras de teoria e crítica literária, o professor é um “pobre coitado” que ascende socialmente e é manipulado pelo casal Palha e Sofia, cuja finalidade é a apropriação de suas posses, levando-o a um desejo recalcado por meio de um adultério virtual: “Mas que pecado é esse que me persegue?”, pensava ele andando. ‘Ela é casada, dá-se bem com o marido, o marido é meu amigo, tem-me confiança, como ninguém... Que tentações são estas?’” (ASSIS, 2011, p. 38).

Há, segundo Carvalho (2010, p. 277), um estudo detalhado da loucura em *Quincas Borba*:

caricatural e grotesca conceitos e metáforas do filósofo de O Mundo como Vontade e Representação” (NUNES, 1989, p. 20).

“Diante dos axiomas de Schopenhauer, o que aproximaria o seu pensamento do sistema filosófico que tem por propósito a extinção da dor? O estilo irônico machadiano. Debaixo dos signos escritos, Machado demonstra todo seu descontentamento com a sociedade e a desvela, evidenciando os aspectos nefastos do comportamento humano” (XAVIER, 2014, p. 86).

Mas é em *Quincas Borba* que Machado faz o mais minucioso estudo da loucura. Em “O alienista”, encontram-se descrições gerais de comportamento irracional, mas sua preocupação nesse conto (ou novela) está mais centrada em satirizar o arbítrio do poder científico e político. Já em *Quincas Borba*, o freudiano Machado de Assis descreve com detalhes psiquiátricos a evolução da melomania progressiva de Rubião, o avanço impiedoso e dilacerador da doença e o fim trágico do pobre professor de Barbacena.

No entanto, Schopenhauer explica que uma vontade pode ficar recalçada por anos sem que se perceba, mas basta uma contrariedade de uma situacionalidade em pessoas predispostas à loucura, isto é, “o *ROMPIMENTO* do fio da memória” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 477), para que se concretize, como no caso de Rubião e sua paixão por Sofia:

A loucura nascida de causas meramente psíquicas pode talvez, devido à violência da inversão do curso do pensamento gerado por ela, produzir algum tipo de paralisia ou outra degeneração de algumas partes do cérebro que, se não tratada de imediato, torna-se permanente; eis por que a loucura só é curável de início, não depois de muito tempo (SCHOPENHAUER, 2015, p. 480-481).

III. Egoísmo, maldade e compaixão: motivações fundamentais das ações humanas

Dessa forma, é interessante frisar as motivações fundamentais das ações humanas, segundo Schopenhauer, o egoísmo, a maldade e a compaixão. O egoísmo seria o elemento principal do querer-viver, essencial à vontade de vida, porque “(...) consiste em verdade no fato de que o ser humano limita toda a realidade à sua pessoa, pois imagina existir apenas nesta pessoa, não nas outras” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 605). A maldade seria a condição de fruto egoísta que atinge o ser humano, já que ele é a “fonte principal dos males mais graves” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 689). A compaixão seria rara, nobre e benevolente.

Em *Quincas Borba*, o interesse, este oriundo do egoísmo que desencadeia a maldade, é evidente: Palha é um ser interesseiro, o qual faz sociedade com Rubião com o objetivo de se apoderar do dinheiro do “ingênuo” capitalista, enquanto o professor de Barbacena nutre uma paixão por Sofia, manipulada por seu marido, “que se compraz no fato de ter Rubião a seus pés, e que chega à culminância perversa de se envaidecer da loucura do pobre diabo: ‘a idéia

de ter sido amada até a loucura sagrava-lhe o homem” (SENNA, 2008, p. 66). Sofia, por sua vez, é o símbolo da esperteza que desperta no apaixonado a sabedoria de Humanitas:

Em relação ao filósofo Quincas Borba, “Sofia” é nome comum, que designa genericamente a sabedoria. Filósofo = amante de filosofia (filo = amante de; sofia = sabedoria). Mas é a Rubião, o discípulo do teorizador de Humanitas, que deste herdou a fortuna ou a doutrina, mas não o amor à filosofia, que Sofia escreve o bilhete, tão destacado na narrativa, em que se assina: “Sua verdadeira amiga – Sofia” (RIEDEL, 2008, p. 128).

Além disso, percebe-se que outros personagens se aproveitam o máximo possível da fortuna de Rubião como, por exemplo, Freitas e Camacho. Por conta disso, infere-se que o egoísmo permeia todo o romance. Até o capítulo CLXVI, após se tornar capitalista, o professor de Barbacena tem muitos “amigos” que almoçam e jantam todos os dias com ele, mas não o acompanham à casa nova, na Rua do Príncipe, depois da manifestação da loucura.

– O nosso amigo precisa de repouso por algum tempo – disse-lhes o Palha, em Botafogo, na véspera da mudança. – Hão de ter reparado que não anda bom; tem suas horas de esquecimento, de transtorno, de confusão; vai tratar-se, por enquanto é preciso que descanse. Arranjei-lhe uma casa pequena, mas pode ser que, ainda assim, passe para estabelecimento de saúde. [...] Quando se arrancaram dali, e se despediram uns dos outros, deu-se um fenômeno com que não contavam; é que eles mesmos mal podiam separar-se. Não que os ligasse a amizade nem estima; o próprio interesse os fazia antipáticos (ASSIS, 2011, p.231).

D. Fernanda é um dos destaques da obra. Vendo que Rubião enlouqueceu, ela tenta, de todas as formas, ajudá-lo. Ela, além dos Quincas, é sua verdadeira amiga. Contudo, a senhora não é só extremamente benevolente com o professor de Barbacena, mas também com outros personagens, caracterizando aqui o que Schopenhauer define como fenômeno raro: a compaixão, ou seja, D. Fernanda “[...] seria um modelo a ser seguido, demonstrando que nem todos encontram satisfação em Humanitas. Sempre disposta a ajudar, a esposa de Teófilo age por virtude e não como as outras personagens de Machado, que são movidas pelo interesse” (XAVIER, 2014, p. 145). Ela tenta, a partir do capítulo CLXXXVII, satisfazer o desejo de Rubião, que é ter seu fiel companheiro, o cão Quincas, a seu lado na mudança de casa:

D. Fernanda coçava a cabeça do animal. Era o primeiro afago depois de longos dias de solidão e desprezo. Quando d. Fernanda cessou em acariciá-lo, e levantou o corpo, ele ficou a olhar para ela, ela para ele, tão fixos e tão profundos, que pareciam penetrar no íntimo um do outro. A simpatia universal, que era a alma desta senhora, esquecia toda a consideração humana diante daquela miséria obscura e prosaica, e estendia ao animal uma parte de si mesma, que o envolvia, que o fascinava, que o atava aos pés dela. Assim, a pena lhe dava o delírio do senhor, dava-lhe agora o próprio cão, como se ambos representassem a mesma espécie. E sentindo que a sua presença levava ao animal uma sensação boa, não queria privá-lo do benefício (ASSIS, 2011, p. 263).

Por fim, tem-se Rubião em condição subalterna, abandonado pelos amigos e pela sociedade, que o observam e o julgam de longe, nas ruas de Barbacena. O romance é uma ontologia do abandono (SENNA, 2008).

iv. Conclusão

Machado ressignifica Schopenhauer a partir de suas releituras. Nos seus últimos anos de vida, o autor tem como suas leituras favoritas as edições de Schopenhauer de 1880. Por isso, compreende-se que a “filosofia” encontrada nos romances *Quincas Borba* (ASSIS, 2011) e constituída primeiramente em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (ASSIS, 2007), o Humanitismo, relaciona-se em níveis equiparáveis com a filosofia da vontade schopenhaueriana, pois ambas tratam de essência, seja ela das coisas, seja do ser humano. Além disso, é possível notar a influência da tríade schopenhaueriana acerca das motivações humanas – egoísmo, maldade e compaixão – nas personagens de *Quincas Borba*, caracterizando a pouca explorada “psicologia empírica” de Schopenhauer. Tem-se o elo entre individualidade e condição.

Referências

- ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011 (Coleção Saraiva de Bolso).
- _____. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2007.
- BARBOZA, Jair. *Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo*. São Paulo: Moderna, 1997 (Coleção Logos).

- CARVALHO, Castelar de. *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo e temas*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- NASCIMENTO, Isaac de Souza. A metafísica da vontade em Schopenhauer. *Revista Lampejo*, Fortaleza, v.1, n. 8, p. 1-15, 2015.
- NUNES, Benedito. Machado de Assis e a filosofia. *Travessia*, Santa Catarina, n. 19, p. 7-23, 1989.
- REALE, Miguel. *A filosofia na obra de Machado de Assis e antologia filosófica de Machado de Assis*. São Paulo: Pioneira, 1982.
- RIEDEL, Dirce de Cortes. *Tempo e metáfora em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.
- SENNA, Marta de. *O olhar oblíquo do bruxo: ensaios machadianos*. 2. ed. rev. e modificada. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008 (Coleção língua de fogo).
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Tomo I. 2. ed. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- _____. _____. Tomo II. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- XAVIER, Anderson da Costa. *Machado de Assis: o pensador poético*. 2014. 159 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.



Jade Suelen é graduanda em Letras pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
vazjade@yahoo.com.br